

# O MITO CAIU!

## A renda do servidor público é a mais alta, mas o perfil do mercado está mudando

PHILIO TERZAKIS

**E**m 1960, a inauguração de Brasília inaugurou um mito. O mito da cidade do servidor público. Criada para ser sede do governo federal, a cidade ficou conhecida pela predominância de funcionários públicos em sua população.

Trinta e seis anos se passaram. Cidade de servidor público? Nem tanto. Apesar do setor ainda apresentar a maior massa salarial do Distrito Federal - entre 50% e 60% do total - a população há muito deixou de ter a cara do funcionário público.

Pelo menos, é o que mostram os números da Companhia de Desenvolvimento do Planalto Central (Codeplan), da Secretaria do Trabalho (STb), da Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados (Seade/SP) e do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Sócio-Econômicos (Dieese).

A Pesquisa de Emprego e Desemprego (Ped) mostra que, de janeiro de 1995 a janeiro deste ano, o setor público perdeu 8,6 mil assalariados na cidade. O setor de serviços tomou a frente, graças a demanda criada pelos próprios servidores públicos.

"Isso deve ter acontecido no início da década de 80", diz o chefe da Gerência de Estudos e Pesquisas da Secretaria do Trabalho, Mário Magalhães.

Hoje, enquanto o número de assalariados no setor público não ultrapassa os



192,5 mil, os serviços privados já ocupam 295,2 mil pessoas, segundo informa a Ped.

**Peso** - Em terceiro lugar, vem o comércio, ocupando 110,6 mil pessoas. Logo depois, os 35,3 mil ocupados na Construção Civil. Em quinto lugar, nas indústrias de transformação, trabalham 25,4 mil pessoas. E em último, estão os 5,4 mil empregados nos setores primários, embaixadas, consulados, e representações oficiais e políticas.

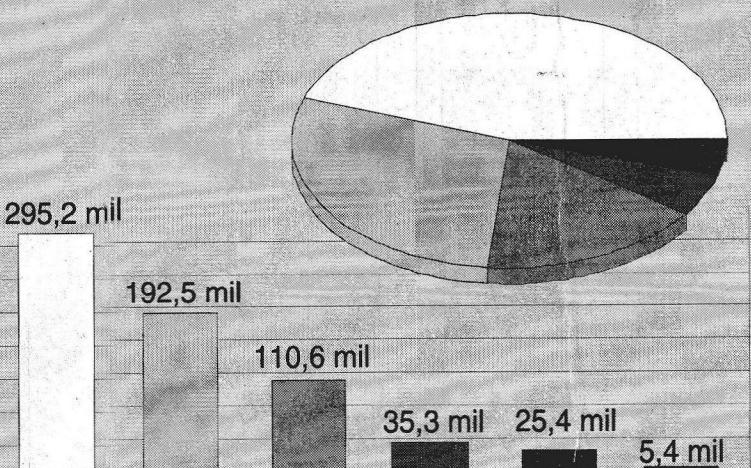
"Brasília foi pensada para ser uma cidade administrativa e não é mais isso", diz o secretário de Trabalho Pedro Celso. "O problema é que os outros setores se desenvolvem sem a preocupação dos governos com um projeto econômico", acrescenta.

O presidente da Federação do Comércio, Sérgio Koffes, concorda. "Claro que o perfil do mercado de trabalho no DF está mudando. Mesmo assim, o percentual dos servidores públicos representa grande peso na economia local. Eles são o grande mercado consumidor", reconhece.

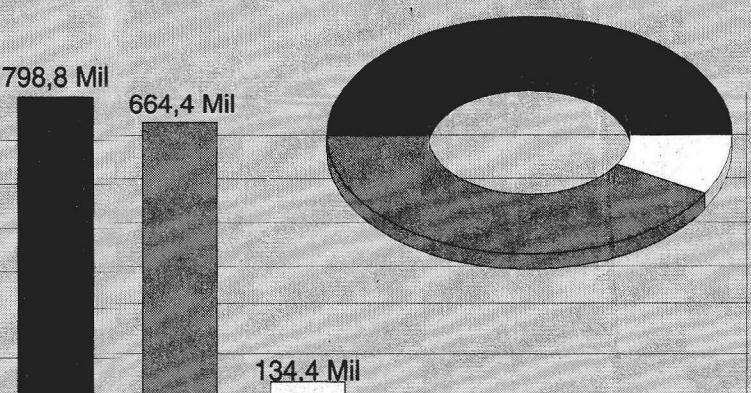
As demissões incentivadas, as aposentadorias estimuladas pela reforma da previdência e a terceirização são causas da retração do setor público apontada pelo secretário. A Universidade de Brasília (UnB), por exemplo, terceirizou os serviços de limpeza, conservação e manutenção e contratou 650 funcionários para isso. Um deles é Oswaldo de Oliveira, 59 anos, que há três anos trabalha na UnB.

### EMPREGOS POR SETOR

■ Serviços privados ■ Setor público ■ Comércio  
■ Construção Civil ■ Indústria de transformação ■ Outros



■ População economicamente ativa ■ Ocupados ■ Desempregados



Fonte: Codeplan/GDF, STb/GDF, Fundação Seade/SP e Dieese

AL-Ed.Arte/JBr

### Sobe o índice de desemprego

Há oito meses, Carla Oliveira, 25 anos, procura emprego. Formada em jornalismo há quase três anos, pela Universidade de Brasília, ela tem dez meses de experiência no trabalho e faz parte do grupo de 134,4 mil desempregados da cidade.

Por azar, Carla apresenta o perfil dos mais atingidos pelo desemprego no início do ano, segundo a Pesquisa de Emprego e Desemprego (Ped). É mulher, tem entre 25 e 39 anos e experiência anterior na profissão.

Em janeiro, Brasília se deparou com a maior taxa de desemprego já detectada: 16,8%, percentual que cresceu durante três meses seguidos. Os homens e os profissionais sem experiência no trabalho foram os menos atingidos.

"Em novembro, a causa foi o estímulo para as contratações de fim de ano. A maior oferta de empregos aumentou a procura. Os que procuraram e não acharam emprego inflacionaram o índice", explicou o chefe da Gerência de Estudos e Pesquisa da Secretaria do Trabalho, Mário Magalhães.

Segundo ele, em dezembro e janeiro, a alta da taxa de desemprego foi causada por uma retração nas indústrias de transformação, na Administração Pública e nos serviços - principalmente com a diminuição do emprego doméstico.

Nos últimos doze meses, a taxa de desemprego acumulou uma alta de 19,1%. Nesse período, entraram 29,8 mil profissionais no mercado de trabalho e saíram 25,8 mil. Foram criados apenas quatro mil novos postos. Só em janeiro deste ano, 2,1 mil pessoas deixaram seus empregos. (PT)